

HETERÔNIMOS DO PASSADO E DO FUTURO

Maria de Lourdes Soares (UFRJ)

Meses antes de morrer, num rascunho de uma carta a Adolfo Casais Monteiro (1935), Fernando Pessoa reafirmou a sua necessidade de “aumentar o mundo com personagens fictícias”, admitindo que, sem ser saudosista, uma das “grandes saudades” da sua vida era o “esquecimento e a imperfeita lembrança” de alguns desses seus sonhos “rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro das suas almas”, e que o acompanhavam desde criança (Pessoa: 1985, 92). Alguns anos antes, em carta a Gaspar Simões (11/11/1931), já declarara ter “do passado, somente saudades de pessoas idas”, a quem amou, saudade delas, e não do tempo em que as amou: “queria-as vivas hoje, e com a idade que hoje tivessem, se até hoje tivessem vivido” (Pessoa: 1985, 65).

Atendendo de forma original a essa vontade expressa pelo criador dos heterônimos, Manuel Jorge Marmelo, em *Os fantasmas de Pessoa* (2004), imagina que o poeta, agonizando no leito do Hospital de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, acaba não entre rosas, amadas na infância, como desejou o heterônimo Álvaro de Campos, mas entre os seus companheiros inexistentes, que amou ao longo da vida. Nessa hora, pede os óculos para ver melhor (o autor adota aqui a versão de Gaspar Simões para as últimas palavras de Pessoa). Ver a todos que ali vieram, com a nitidez com que sempre os vira e compreendera, e não apenas os “fantasmas” mais conhecidos – Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Bernardo Soares e Ricardo Reis. No trânsito entre a vida e a morte, acompanham-no os mais e os menos lembrados, de acordo com a idade que teriam, desde o Chevalier de Pas de seus cinco anos, os juvenis Alexandre Search, Charles Robert Anon e H. M. Lecher, até o inspetor (Abílio) Quaresma, o astrólogo Raphael Baldaya e Heitor Ramos, que, nesta cena do romance, “com o entusiasmo característico dos novatos”, conversa animadamente sobre literatura com o mais antigo dos heterônimos (Marmelo: 2004, 112-114).

Assim, num “pequeno romance, de características mais ou menos policiais”, conforme a proposta da coleção “Literatura ou

Morte”, há lugar para esta comovente homenagem ao poeta-fingidor. Dir-se-ia que o autor acolhe a grande máquina de sonhos pessoana e recolhe o seu imaginário à beira de perder-se, como o fizeram, à sua maneira, Mário Cláudio, com Eça de Queirós (“José Maria”), em *As batalhas do Caia* (1995), e Maria Gabriela Llansol, com o próprio Pessoa (“Aossê”), em *Um falcão no punho* (1985), e com Camões (“Comuns”), em *Da sebe ao ser* (1988). No livro *Os fantasmas de Pessoa*, a ênfase na visão, na cena final, e o deslizar entre imaginários acrescentam um novo sentido à epígrafe inicial: “A morte é a curva da estrada, / morrer é só não ser visto” (Marmelo: 2004, 7)

É coincidentemente (?) Heitor Ramos - talvez uma das dezenas de figuras de sonho, heterônimo “esquecido” da *coterie* pessoana - o nome do assassino em série e suposto autor dos dois cadernos encontrados nos escombros de um antigo prédio portuense (note-se a apropriação irônica do recurso ao “manuscrito encontrado”, empregado, entre outros, por Camilo Castelo Branco, em *Coração, cabeça e estômago*, e por Umberto Eco, em *O Nome da Rosa*). “Outra pessoa?” Outro Pessoa? “Na verdade, tudo leva a crer que o autor (...) tenha simplesmente procurado recriar o jogo de espelhos em que o seu genial inspirador se especializou” (Marmelo: 2004, 10-11), afirmação que também se aplica com propriedade ao autor do romance. Um dos manuscritos traz a inscrição “Diário” e o outro, uma novela, vem identificado como “Os fantasmas de Fernando Pessoa – romance”, título que, sintetizado por razões “comerciais”, segundo a nota de apresentação do “editor”, dá origem ao do romance quase homônimo, cuja arquitetura, em plena assunção do fingimento, inclui não apenas a montagem em alternância dos dois textos, mas também a nota do “editor”. Além de leitor crítico desses cadernos, alguém que se julga mais experiente no campo das letras que o “novato” autor da novela “pouco inspirada”, o “editor” revela-se também autor, correndo “os riscos inerentes ao facto de estar a laborar em obra alheia” (Marmelo: 2004, 11). Maiores riscos corre quem aceita o desafio de laborar em obra de autor consagrado como é o caso de Marmelo, que, com artes de funâmbulo, consegue equilibrar o “peso de uma mão cheia de cadáveres anônimos” com “o fardo ilustre de um morto universal” (Marmelo: 2004, 99).

O “Diário” - “falso (?) documento confessional”? - transcorre entre o dia 24 de Setembro de 2002, data do “sacrifício” da primeira

das cinco vítimas, e 19 de Novembro de 2002, “dia da derrocada de um prédio” antigo no centro histórico do Porto (Marmelo: 2004, 9-13). O período de tempo da novela corresponde aos últimos cinco anos da vida de Pessoa, desde a chegada a Portugal do controverso mago inglês Aleister Crowley, acompanhado da maga alemã Miss Jagger, até o dia da morte do poeta, em 30 Novembro de 1935. A abertura da novela encaixada - “Uma vibração pairava à tona da água, amortecida pela espessa névoa subitamente derramada sobre a luminosidade forte daquela manhã de Setembro de 1930” (Marmelo: 2004, 17) é uma oportunidade não desperdiçada por Marmelo para exercer a “atitude lúdica” e brincar com o início narrativo, elemento importante na arte de fisgar leitores, perseguido por novelistas reais e fictícios. Este começo, além de fazer referência ao plurissignificativo nevoeiro português, acorda ainda reminiscências da cena inicial de um outro desembarque, o do heterônimo Ricardo Reis, que Pessoa “esquecera” no Brasil, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago (1984).

Como fio condutor da novela, o criminoso-autor vale-se do suspense – o misterioso sumiço do mago, personagem que lhe permite tirar partido do misticismo, de novo em moda. Para isso, insinua um nexos causal (relação inventada, provavelmente inspirada no conto “policiário” de Pessoa, “A carta mágica”, embora não referido no livro de Marmelo) entre dois desaparecimentos (ambos verídicos): o de Aleister Crowley, na Boca do Inferno (encenação de um “suicídio”, na qual Pessoa teria colaborado), e o das cartas de Pessoa a Mário de Sá-Carneiro, após o suicídio deste, em 26 de Abril de 1916, no Hotel de Nice, em Paris. (Sobre essas cartas, cujo paradeiro tanto têm intrigado os pessoanos, fica aqui lançado um repto a Marmelo: dar continuidade à sua ficção de Pessoa-personagem, escrevendo, quem sabe através da faceta do epistológrafo, cartas fingidas, a partir de diversos materiais, sobretudo das cartas-resposta de Sá-Carneiro a Pessoa).

Desejoso de rapidamente alcançar o “caminho da imortalidade” e obter as vantagens decorrentes do reconhecimento público da sua genialidade, o autor da novela não hesita em recorrer a “formas terroristas” para “transformá-la num sucesso imediato de vendas” (Marmelo: 2004, 16). Com o intuito de promovê-la (propaganda antecipada, já que escreve à medida que assassina em cadeia), “sacrifi-

ca” cinco pessoas, numa escala crescente de importância social, deixando textos de Pessoa e do mago Aleister junto aos corpos, como pistas da motivação dos crimes (de cuja veracidade o “editor” duvida). Convém lembrar que também Pessoa - valendo-se, é claro, de formas nada “terroristas” - procurou divulgar a sua obra, ao anunciar nas páginas da *Águia*, em 1912 (antes, portanto, do surgimento das suas “Ficções do Interlúdio”), o “próximo aparecimento de um supra-Camões” em Portugal, anúncio deveras revelador, para muitos, da sua “angústia da influência” em relação à figura, até então primordial, de Camões.

Segundo o autor da novela, uma boa causa justifica os processos utilizados. Esta é também, não por acaso, a argumentação de que se vale o protagonista de “O banqueiro anarquista”, um dos (poucos) “contos de raciocínio” de Pessoa, e que se caracterizam por evidenciar, através do paradoxo, o absurdo lógico que resulta da utilização de um método lógico e um pensamento não-lógico. Assim, na cena do encontro entre o criminoso e a última vítima, num instigante exercício de escrita sobre as “ficções sociais”, conforme a expressão é do “banqueiro” de Pessoa (Pessoa: 1985, 677), Marmelo apropria-se dessa paradoxal criação da prosa pessoana, transformando a personagem do “banqueiro anarquista” na do “comunista capitalista” Pedro, jovem e bem-sucedido corretor da Bolsa, responsável pelas aplicações das “pequenas economias” do assassino.

A esta altura, é claro, o leitor que persegue as pistas dos enigmas policiais decerto já percebeu que o intervalo de setenta anos entre o tempo do Diário e o da novela torna pouco provável, embora não inteiramente impossível, a hipótese de o criminoso e alegado autor dos cadernos (segundo o “editor”) ser o mesmo Heitor Ramos que assiste à morte de Pessoa. Para esse reaparecimento de Heitor Ramos tantos anos depois, rompendo de certa forma a lógica do tempo, o leitor interessado em misticismo encontrará uma possível explicação, na linha ocultista, e que já servira a Aleister, personagem de Marmelo, para explicar os muitos nomes por ele assumidos em suas encarnações: será este Heitor Ramos novelista uma nova reencarnação do mago, dando continuidade à sua “procura de plenitude”? De natureza iniciática é, aliás, a explicação sobre a gênese dos heterônimos que o prestidigitador apresenta ao fingidor: “Nunca se perguntou de onde vêm realmente esses seus manos? Pois eu digo-lhe:

vêm do mesmo sítio de onde me vêm a mim os muitos nomes pelos quais sou conhecido. Do passado e do futuro. Nós somos ambos iniciados. Nós estamos na confluência do tempo e do espaço, no sítio onde o mistério último, a palavra perdida, se manifesta” (Marmelo: 2004, 80).

Contudo, um leitor experiente em máscaras e enigmas desprezados, que já travou contacto com Pessoa e com o narrador-furão do romance *O Delfim*, de Cardoso Pires (1983), joga o jogo do olho vivo com o autor deste “pequeno romance” e pisca cúmplice para a apropriação inteligente de ficções esotéricas e de formas e técnicas de outros gêneros, como o suspense da narrativa policial, astuciosamente utilizadas como iscas. Sabe que o que importa é o prazeroso desassossego do jogo, não a busca da verdade (autoral, religiosa, filosófica...), a dissipação das névoas, a solução do crime e o burguês apaziguamento final.

A visita à oficina de Pessoa, neste hábil trabalho de leitura-escritura, possibilita a continuação do jogo heteronímico, convidando o leitor a ler e reler a obra pessoana, e a olhar “nos olhos cada um dos seus fantasmas” (Marmelo: 2004, 113), inclusive os dos seus “manos” menos lembrados. Em promessa de fidelidade ao criador, revelando um conhecimento da vida e da obra de Pessoa – a que assinou com seu próprio nome e com outros nomes -, Jorge Marmelo, através da máscara do seu novelista, vê e dá ver claramente o poeta múltiplo, vivo, pura potência de escrita, decerto conforme o fingidor gostaria de ser visto: “Tinha a cabeça cheia de ecos, reflexos, fantasmas, sombras, entes, ardis e miragens – poemas, enfim”. E Pessoa, olhando nos olhos esse heterônimo futuro, talvez enigmáticamente o tivesse saudado, murmurando outra frase - versão de Jorge de Sena para os *ultima verba* de Pessoa, escolhida por Eduardo Lourenço (Lourenço: 1981, 197), resumo adequado para a sua inesgotável aventura poética e espiritual: “Amanhã o que virá”.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLÁUDIO, Mário. *As batalhas do Caia*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Um falcão no punho*. Diário 1. Lisboa: Rolim, 1985.
- . *Da sebe ao ser*. Lisboa: Rolim, 1988.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado*. 2ª ed. Lisboa: Moraes, 1981.
- MARMELO, *Os fantasmas de Pessoa*. Manuel Jorge. Porto: Asa, 2004.
- PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.
- PIRES, José Cardoso. *O delfim*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- SARAMAGO, José. *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa: Caminho, 1984.